

CAIO, FELIX, PERFURAÇÕES E CORTES.

"A superfície e a fronteira em diálogo parecem ser a principal preocupação no trabalho de Braga. Esta questão recebe ainda outras ramificações, numa série de trabalhos em papel, que Braga começou a realizar em 2004, qualificados como 'desenhos'. Estes desenhos, entretanto, não são feitos da forma como os desenhos geralmente são feitos, a partir de um lápis que deixa linhas contrastantes no papel que lhes serve de base. Braga fornece ao conceito de linha um significado novo e filosoficamente intenso. Os desenhos são feitos com uma faca que faz pequenos cortes no papel. As formas resultantes (ou órgãos) não têm os contornos contrastantes que os traços de lápis deixariam. Os desenhos são ou completamente brancos, ou completamente pretos. Como resultado, a distinção entre figura e fundo fica prejudicada. Não há mais um sentido reassegurador de hierarquia que torna as formas legíveis enquanto representação.

A simples substituição do lápis pela faca possibilita uma mudança radical de como a cultura concebe a arte e, mais geralmente, os signos. Quando a condição de fronteira entre a figura e o fundo se dissolve, a representação fica numa situação em que a distinção se torna difícil. Esta condição pode ser compreendida como uma forma de mimetismo. Este fenômeno foi descrito num ensaio muito famoso escrito pelo pensador francês Roger Caillois, intitulado 'Mimicry and Legendary Psychasthenia'.⁸ Fala-se de mimetismo quando os organismos adotam a aparência visual de seu entorno de forma que não haja mais uma distinção clara entre o organismo e seu entorno. A idéia foi amplamente discutida no movimento surrealista, ao qual Caillois se relacionava.

Caillois usa especialmente o exemplo do praying mantis, um inseto que é mais ou menos invisível em seu meio de folhas. Sua discussão sobre os "insetos miméticos" leva, entretanto, a uma discussão sobre uma personalidade específica, que ele chama de psicologia da psicasthenia. Ele se refere aos textos teóricos e clínicos do psiquiatra francês do século 19 Pierre Janet, para descrever este tipo de personalidade. Para esta personalidade, o mimetismo não é um mecanismo de defesa, mas uma incapacidade. Caillois a descreve como uma espécie de psicose insetóide. O animal é incapaz de manter intacta a distinção entre si próprio e o meio de folhas. A psicose se manifesta como despersonalização por assimilação ao espaço: "O indivíduo quebra a fronteira da sua pele e ocupa o outro lado de seus sentidos. Ele tenta se ver a partir de qualquer ponto do espaço. Ele se sente tornando-se espaço, um espaço escuro onde as coisas não podem ser colocadas. Ele é parecido, não parecido com algo, mas somente parecido. E ele inventa espaços dos quais ele é uma posse convulsiva."⁹

Este caso psicótico de mimetismo também se refere à condição visual de figura e fundo. Por esta razão, esta idéia foi utilizada em reflexões sobre história da arte. Na obra de Kraus: '[e]a] cancelaria todas as separações de figuras de seus entornos para produzir um continuum inimaginável de ser atravessado para nossos corpos terrenos'¹⁰

Este continuum inimaginável é a base da re-conceitualização do desenho de Braga. Nos desenhos pretos e brancos de Braga a distinção entre figura e fundo não funciona mais. Os cortes formam uma forma distinta, não sobre, mas no papel, mas esta forma é parte do continuum de onde ela surgiu. Este continuum não somente é produzido pela ausência de distinção de cores, mas também pelos procedimentos produzidos no papel. A folha de papel não é, em seu sentido mais literal, nem a base nem a superfície sobre a qual o desenho é adicionado ou aplicado. A folha de papel é um espaço, o lugar de ação de uma atividade que consome tempo, que conecta as partes superior e inferior do papel. Assim, paradoxalmente, cortar se torna uma forma de conectar. Incluindo, como vamos esclarecer, a associação com sangue, perigo e dor. As formas semelhantes a órgãos que são o resultado da atividade de desconexão, intensificam as conotações que já tinham sido produzidas por esta atividade. A questão da fronteira não é só colocada pelo motivo dos órgãos-sem-corpo, mas também pela recusa da relação figura-fundo que produz a fronteira como contorno. Os órgãos são até privados de suas delimitações precárias.

À luz disto, pode ser um pouco surpreendente que estes desenhos sejam, propriamente falando, belos. A beleza, aqui, não é uma adaptação ao valor estético tradicional, mas a intimação intensa de uma idéia afetivamente-informada. A pura beleza dos desenhos em preto e branco indica que a despersonalização de Braga por assimilação ao espaço não é uma condição negativa."

Notas: 8. Roger Caillois, 'Mimicry and Legendary Psychasthenia,' traduzido por John Shepley, *October: The First Decade, 1976-1986*. Publicado por Ann Michelson e R. Kraus. (Cambridge: MIT press, 1987). 9. Roger Caillois, *ibid.*, p.72 10. Yve-Alain Bois e Rosalind Krauss, *Formless: A User's Guide*.

"Sharing a Common Skin – Cutting, perforating, sewing, and stringing in the work of Célio Braga", de Ernst van Alphen. Fragmento do texto publicado no catálogo "Célio Braga – Deliriously:", Hein Elferink, gallery and publishers, Staphorst, Holanda. 2006.

CAIO, FELIX, PERFURATION AND CUTS.

Surface and boundary in dialogue appears to be the primary preoccupation of Braga's work. This issue receives yet other ramifications in a series of works on paper, which Braga started to make in 2004, qualified as 'drawings'. These drawings are, however, not made as drawings tend to be, by means of a pencil that leaves contrasting lines on the paper that serves as ground. Braga gives the concept of line a new and philosophically intense meaning. The drawings are made by a knife that makes small cuts in the paper. The resulting shapes (of organs) don't have the contrasting contours pencil traces would leave. The drawings are either completely white, or completely black. As a result, the distinction between figure and ground is undermined. There is no longer a reassuring sense of hierarchy that makes forms readable as representation.

The simple replacement of pencil with knife enacts a radical modification of how our culture conceives of art and, more generally, signs. When the boundary condition between figure and ground breaks down, representation ends up in a situation where distinction becomes difficult. This condition can be understood as a form of mimicry. This phenomenon has been described in a very famous essay by the French thinker Roger Caillois, titled 'Mimicry and Legendary Psychasthenia'.⁸ One speaks of mimicry when organisms adopt the visual looks of their surroundings so that there is no longer a clear-cut distinction between the organism and its surroundings. The idea was widely discussed in the surrealist movement, to which Caillois was related.

Caillois especially uses the example of the praying mantis, an insect that is more or less invisible in its leafy milieu. His discussion of 'mimetic insects' leads, however, to a discussion of a specific personality, what he calls the psychology of psychasthenia. He refers to the theoretical and clinical writings of the 19th-century French psychiatrist Pierre Janet to describe this kind of personality. For this personality mimicry is not a defense mechanism but an inability. Caillois describes it as a form of insectoid psychosis. The animal is unable to keep the distinction between itself and its leafy milieu intact. The psychosis manifest itself as depersonalization by assimilation to space: "the individual breaks the boundary of his skin and occupies the other side of his senses. He tries to look at himself from any point whatever of space. He feels himself becoming space, dark space where things cannot be put. He is similar, not similar to something, but just similar. And he invents spaces of which he is the convulsive possession."⁹

This psychotic case of mimicry addresses also the visual condition of figure and ground. For this reason, this idea has been taken up in art-historical reflections. In the words of Kraus: '[it] would cancel all separations of figures from their surrounding spaces or backgrounds to produce a continuum unimaginable for our earthly bodies to traverse.'¹⁰

This unimaginable continuum is the basis of Braga's re-conceptualization of drawing. In Braga's white and black drawings the figure-ground distinction is no longer at work. The cuts form a distinct shape, not on, but in the paper, but that shape is part of the continuum in which it has come about. This continuum is not only produced by the lack of colour distinction but also by the procedures performed on the paper. The sheet of paper is in the most literal way neither the ground nor the surface onto which the drawing is added, or applied. The sheet of paper is a sight, the place of action of a time-consuming activity that connects top and bottom of the sheet of paper. Thus, paradoxically, cutting becomes a form of connecting. Including, as will become apparent later, the association with blood, danger, and pain. The organ-like shapes that are the result of disconnecting activity intensify the connotations which were already produced by this activity. The question of boundary is not only put forward by the motif of the organs-without-body but also by the refusal of the figure-ground relationship that produces boundary as contour. The organs are even deprived of their own precarious delimitations.

In light of this, it might be a bit surprising that these drawings are, properly speaking, beautiful. Beauty, here, is not an adaptation to the traditional aesthetic value, but the forceful intimation of an affectively-informed idea. The sheer beauty of the white and black drawings indicates that Braga's 'depersonalization by assimilation to space' is not a negative condition.

Notes: 8. Roger Caillois, 'Mimicry and Legendary Psychasthenia,' translated by John Shepley, *October: The First Decade, 1976-1986*. Edited by Ann Michelson and R. Kraus. (Cambridge: MIT press, 1987). 9. Roger Caillois, *ibid.*, p.72 10. Yve-Alain Bois and Rosalind Krauss, *Formless: A User's Guide*. a fragment from Ernst van Alphen – *Sharing a Common Skin, Cutting, perforating, sewing, and stringing in the work of Célio Braga*. (Deliriously: Copyright 2006. Hein Elferink Publisher.) tradução: Noemi Jaffe.

LISTA DE OBRAS

Linda 2006 perfurações sobre papel 50 x 65 cm cada

Sem Título 2006/2007 cortes, colagem e pigmento em pó sobre papel dimensões variáveis

Placebo 2007 vidros de remédio, tecidos e linhas de algodão dimensões variáveis

Felix 2007 balas de doce, tecidos, linhas de algodão e bulas de remédio 700 cm

Agradecimentos: Jeanette Jansen, Lilian Von Dobschutz, Hercule G. Martins.



Apoio: FONDS BKVB